

Registro na Imprensa

O GLOBO – 23/06/04

Com Brizola, acaba-se o século XX

Elio Gaspari

O século XIX brasileiro terminou em 1891, com a morte de D. Pedro II e o XX, em 2004, com o fim de Leonel Brizola. Num caso, pela importância do falecido. No outro o declínio embutiu-se na longevidade. Nos dois, o imperador e o engenheiro foram derradeiros depositários dos sonhos, dos pesadelos e das desgraças que fizeram a história de seus tempos. Mortos, fecharam a cena, mesmo depois de terem deixado de ser protagonistas.

Deixando-se de lado o Pedro Banana, Brizola foi último personagem da História de uma geração que viveu paixões e antagonismos a um só tempo insuperáveis e inúteis. Nove fora Juscelino Kubitschek, com seu enorme sorriso e sua fé no progresso, os principais personagens desse tempo escreveram páginas de rancores e ódios, para nada.

Foram muitas as encenanças nacionais do século XX, mas a maior delas

aconteceu em 1964, quando o Brasil marchava para uma divisão que parecia irremediável. De um lado estava JK, candidato a presidente por uma coligação conservadora ele muito parecida com a que o tucanato prepara em benefício de FFHH. De outro, Carlos Lacerda, candidato de uma frente feroz, modernizante e cesarista.

Nos primeiros meses de 1964 a direita não admitia que JK fosse eleito presidente e a esquerda não aceitava que Lacerda sucedesse a João Goulart.

Vieram os generais e deu no que deu. Passados vinte anos de ditadura, qualquer lacerdista seria capaz de reconhecer que JK teria sido a melhor escolha. E qualquer esquerdista preferiria ter visto Lacerda no Planalto. Caiu-se no atoleiro porque nenhum dos dois grupos tinha compromisso com a democracia. Melhor dizendo, ela era um brinquedo que só servia como instrumento de vitória.

Brizola morreu num novo século de um país em que não há mais espaço para apelos (tão ao seu gosto) às raízes nacionalistas dos militares, nem às insurreições dos despossuídos!

Será sepultado em São Borja a um só tempo o campeão da legalidade constitucional de 1961 e o último manda-brasa do século XX.

Vale lembrar suas palavras no dia 13 de março de 1964, quando se supunha que as forças civis e militares anexas ao dispositivo político de João Goulart arrastariam as fichas do impasse constitucional que cevavam: “O Congresso é hoje um poder que está comprometido, que se compõe

de uma maioria de privilegiados. (...) Portanto, aqui vai uma palavra de quem deseja ficar livre da espoliação internacional. Por que não transferir a decisão para o próprio povo brasileiro, fonte de todo o poder?” Cunhado do presidente e candidato à sua sucessão, queria uma Constituinte que lhe desobstruísse o caminho para o Planalto. A ditadura militar obstruiu-lhe a vida, obrigando-o a 15 anos de exílio. Nomeando-se herdeiro de Getulio Vargas, Leonel Brizola viveu carregando a bandeira do trabalhismo (seja lá o que for que isso signifique). Morto, reavivou emocionantes lembranças do século XX, mas deixou pequena herança ao XXI.

ELIO GASPARI é jornalista.

O Globo – 23/06/04 – Panorama Político

O homem da metralhadora

Tereza Cruvinel

Cigarro na boca, metralhadora Ina no ombro, o governador Leonel Brizola desce ao porão do Palácio Piratini para mais um pronunciamento através da Cadeia da Legalidade. É 1961, auge da crise da renúncia de Jânio. As armas não foram usadas, evitou-se a guerra civil mas Brizola seguiu pela vida afora de metralhadora. A verbal, que cuspiu palavras francas, certas e corajosas, numa cultura política marcada pela dissimulação e o eufemismo.

A franqueza e a sinceridade quase rude muito o distinguiram na segun-

da fase de sua vida política, após a volta do exílio. Concordando ou discordando dele, ninguém podia ignorar o que pensava sobre tudo e todos. Com Brizola, vai-se a franqueza na política.

As gerações pós-redemocratização lembram-se dele no PDT, construindo Cieps no Rio, perdendo eleições presidenciais, brigando e se reconciliando com o PT e com Lula, afagando ou desancando presidentes. Não do homem da metralhadora Ina, que protagonizou o mais importante movimento de resistência democrá-

tica do país. O país esteve à beira da guerra civil mas a democracia prevaleceu, mesmo com um remendo parlamentarista. O golpe acabou vindo, em 1964, mas ficou a lembrança de que o povo organizado, tendo um líder, pode fazer a hora. Como acabou fazendo entre 1984 e 1985, pondo fim à ditadura pela via eleitoral. Muitos, nem tão jovens, só puderam avaliar o inteiro papel de Brizola na crise de 1961 com a publicação do livro “Que as armas não falem”, de Paulo Markun e Hamilton. Infelizmente, talvez, o episódio tenha despertado a ilusão da luta armada nos jovens que se imolaram durante a ditadura. E num primeiro momento, com o apoio dele, que lá do Uruguai tentava comandar os movimentos de resistência à ditadura.

Neste final da vida, o que consumiu Brizola foi sua profunda decepção com o governo Lula. Mas este é um desencontro que vem de longe. Quando voltou ao Brasil depois da Anistia de 1979, Brizola deparou-se com o movimento pela “unidade das oposições” em torno do PMDB. O apelo à unidade impediu que muitos retornassem ao berço trabalhista. Para completar, perdeu a sigla PTB para Ivete Vargas. A seguir, veio a criação do PT, que ele tomou como uma rejeição e um golpe. Acreditou que seu PDT viesse a congregar sindicalistas, nacionalistas e a esquerda democrática. Ainda assim, “engoliu” Lula em 1989, e foi seu candidato a

vice em 1998. Em 2002, apoiando Ciro Gomes, dizia num almoço em Brasília:

– O PT está muito amestrado, virou bom moço. Para mim, já foi cooptado...

E naquele momento, antes ainda do segundo turno, ninguém imaginava o que viria a ser o governo Lula.

Mas Brizola chegou mesmo a acreditar que Lula viesse a se tornar um herdeiro moderno do trabalhismo. Quando aceitou ser vice na chapa de 1998, disse isso a Lula, numa conversa de que participaram o senador Mercadante e o deputado Neiva Moreira: presenciara o momento em que “o velho Getúlio”, como dizia, nomeou Jango como seu herdeiro político. Com a morte de Jango, assumira a tarefa de manter viva a tradição trabalhista. Agora, em 1998, estava convencido de que este papel caberia a Lula, e que, para isso, PT e PDT teriam que se entender.

Mas a chapa Lula-Brizola foi derrotada por Fernando Henrique e a relação PDT-PT degradingolou para sempre, resultando nas hostilidades de brizolistas ontem a Lula no velório.

Brizola vivia com certeza uma grande solidão política. No *réveillon* de 1999 para 2000, já de madrugada, conversou até as 5 horas da manhã na sacada de seu apartamento com Cibilis Viana e um grupo de convidados. Olhando o povo que se retirava da praia sob a chuva fina, evocou

muitas passagens de sua vida e os companheiros que haviam partido recentemente: Darcy Ribeiro, Bocayuva Cunha, Doutel de Andrade e Brandão Monteiro, entre outros.

Mas achava que ainda tinha muito o que fazer no século que se iniciava. Vê-se que o seu já passara e lhe dera um destacado papel na História da democracia brasileira.

Folha de São Paulo – 23/06/04

Maria Victoria Benevides

A morte de Brizola deixa três orfanidades: a do autêntico trabalhismo getulista, a do nacionalismo radical e a do “socialismo moreno”. Que pena. Tudo tão “fora de moda” nesses tempos do neoliberalismo (sic), da globalização predadora e da tal “terceira via” (?) que dá mesmo vontade de chorar. Por ele, pela nossa distante juventude nas lutas pelas “reformas de base” e contra o imperialismo ianque (apesar de burrinhos, tínhamos toda a razão!), pelos nossos mortos e desaparecidos vítimas do regime militar que o exilou, pela nossa utopia socialista, pela nossa fé no país desenvolvido e soberano, liberto daquilo que Brizola sempre denunciou como as “perdas internacionais” e, por isso, foi tantas vezes ridicularizado.

Ora, sem dúvida Brizola era “fora de moda”, mas não no sentido lembrado acima, com o qual também me identifico. Seu estilo de fazer política não acompanhou as principais características da democracia contemporânea, ou seja, ele permaneceu uma grande liderança popular, mas que desconfiava das expressões autôno-

mas dos movimentos sociais e populares, das formas mais modernas da democracia participativa. Foi sempre um líder paternalista, com aquela autoridade autoritária (perdoem a redundância) decorrente de sua firmeza moral, honestidade pessoal e política, mas também de uma exigência de lealdade dos seguidores, partidários e afilhados que beirava um certo tipo de tirania senhorial. Um gauchão à moda antiga, com um sentido de honra, dever e obediência de tempos imemoriais.

De sua longa e agitada vida pública, gostaria de destacar alguns momentos cruciais. Cena 1: Brizola lidera a reação ao golpe de 1961, quando Jânio renuncia, os militares não aceitam a posse constitucional do vice, João Goulart, e acabam impondo um parlamentarismo de fachada. Cena 2: Brizola novamente defende a legalidade contra o golpe de 64, pronto a comandar a marcha do Sul. Cena 3: Brizola perde a sigla de seu combativo PTB para Ivete Vargas em São Paulo e rasga, em lágrimas, o documento. Cena 4: Brizola participa dos comícios das Diretas-Já e se aproxima

ma de Lula e do PT. Cena 5: Brizola rompe com Lula e o PT e se isola. Desses momentos, escolhidos entre tantos outros, fica, no meu entender, a coerência do velho trabalhista getulista (Ivete, apesar do sobrenome, não representava o antigo PTB e, ao que consta, estava enturmada com o projeto do general Golbery para a reforma partidária) e do nacionalista que não pode aceitar a política de submissão ao FMI. Ao mesmo tempo, é o legalista “pela honra” na defesa do presidente eleito e do regime, mas que também achava que a Constituição não era “intocável” (como bradavam os udenistas “carcomidos”), pois chegou a defender a reforma agrária, “na lei ou na marra”. Poucos líderes terão sido tão amados e odiados como Leonel Brizola. João Trajano Sento-Sé, cujo livro recomendando (“Brizolismo: estetização da política e do carisma”), discute o que chama de “bildung” (cultura) brizolista, que compreenderia a universalização do ensino e um Estado forte, promotor do bem-estar social. Suas referências históricas são a Revolução de 30, a “Carta-Testamento” de Vargas, a obra de Alberto Pasqualini e a “Carta de Lisboa”, esta do fim do exílio. Seus inimigos são as oligarquias e os agentes internos do imperialismo. Seu alvo privilegiado inclui as ditas minorias, de mulheres, negros e índios. Seus monumentos integradores são os Cieps e o Sambódromo. Seu espaço de

conscientização popular é a Brizolândia carioca. Para as elites, sempre foi um estorvo, demagogo, caudilho, arrivista, o subversivo manipulador das massas ordeiras e trabalhadoras (“com Brizola, os morros vão descer e aí será o caos”). Bem, digo eu, a ousadia do velho gaúcho de origem humilde foi querer “fazer parte do clube”. Getúlio e Jango tinham “legitimidade fidalga” para o mando, ele não.

Se tivesse de escolher o traço mais importante de Brizola, diria de pronto: sua paixão pela escola pública. O garoto pobre que conseguiu se formar em engenharia e ser governador de dois Estados importantes nunca esqueceu sua origem. Podemos divergir sobre suas escolhas e métodos, mas reconhecemos que colocar educação como efetiva prioridade é o que queremos – a consolidação da nação e da democracia no Brasil. Daí a jogada de mestre de Brizola ao dar a Darcy Ribeiro a liberdade para construir, aos poucos e com aquela inteligência privilegiada, um projeto nacional de educação que ainda tem muito de utópico, mas deitou raízes.

PS - Permitam-me uma nota pessoal sobre a primeira vez que estive com Brizola. Recém-chegado do exílio de 16 anos, veio à minha casa de surpresa, trazido por um amigo comum, um padre basco e socialista. Eu chegava da feira, com o carrinho cheio de frutas, e ele se emocionou com as

jabuticabas. Ali em pé na cozinha, falando das saudades do Brasil, ia discursando sobre educação enquan-

to devorava meio quilo das “pretinhas”. E ainda levou o que sobrou “para a Neuza comer no hotel”.

Maria Victoria de Mesquita Benevides, 61, socióloga, é professora titular da Faculdade de Educação da USP e autora de, entre outros livros, “O PTB e o trabalhismo”.

Folha de São Paulo – 23/06/04

Marco Antonio Villa

Anteontem morreu o último caudilho da história do Brasil. Teve admiradores fiéis e inimigos mortais. Com o engenheiro Leonel de Moura Brizola desaparece também o trabalhismo getulista, sempre tão atacado pela direita e pela esquerda. Brizola foi o derradeiro representante do que a sociologia chamou de “populismo”.

Nacionalismo, presença do Estado na economia, legislação de proteção ao trabalhador, desenvolvimentismo, atenção à educação foram idéias repetidas *ad nauseam* entre os anos 1930 e 1964. Porém, muito mais que idéias, foram programas colocados em prática que levaram o país à industrialização e à formação da moderna sociedade brasileira. Ao insistir nessas propostas, justamente no momento em que a elite política brasileira, hegemônica pelo pensamento antigetulista, não mais consegue ter idéias próprias, Brizola transformouse em um ser deslocado, um dinossauro, como foi chamado, pois não sucumbiu ao discurso dominante. Insistia teimosamente em recolocar no debate político temas que eram

considerados superados, mesmo o país estando havia 20 anos paralisado, sem nenhuma mostra de recuperação econômica consistente. Dada a hegemonia do discurso e da prática conservadores, Brizola somente incomodava os donos do poder. Não era mais considerado um adversário a levar em conta. Politicamente era um morto-vivo.

O grande momento da vida política do engenheiro foi a Campanha da Legalidade: entre a renúncia de Jânio Quadros, a 25 de agosto de 1961, e o retorno do vice-presidente João Goulart ao território nacional. Dias e noites que abalaram o Brasil, ameaçado por um golpe militar direitista. O então governador do Rio Grande do Sul mobilizou todo o país em defesa da Constituição e da democracia, comportamento que, infelizmente, não manteve nos idos de 1963/ 64. Porém, quando retomou do exílio de 15 anos, estava convicto da necessidade de mudanças – e sempre pelo caminho do voto.

Em 1982 venceu heroicamente, contra tudo e contra todos, as eleições para o governo do Estado do Rio de

Janeiro - isso depois de haver perdido a sigla PTB para Ivette Vargas, que agia a soldo do Palácio do Planalto. Sete anos depois teve, nas eleições presidenciais, consagradoras votações no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Conseguiu um fato raro: transferiu seus votos no segundo turno para o candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva. No ano seguinte, venceu novamente as eleições para o governo do Rio de Janeiro. A partir dali, foram sucessivas derrotadas, até a última, em 2002: quinto lugar nas eleições para o Senado como representante dos fluminenses.

Apesar da origem sulista e de ter sido um vitorioso nas eleições gaúchas, foi sucessivamente deputado estadual, deputado federal, prefeito de Porto Alegre e governador – acabou sendo no Rio de Janeiro que se consagrou nas urnas e onde voltou para morrer. Depois da queda da ditadura, todos os prefeitos do Rio passaram pelo batismo do brizolismo, caso único na história recente do Brasil, e mais expressivo, se levarmos em conta a politização do eleitorado carioca. Mas o curioso é que esses prefeitos tiveram enormes dificuldades de governar mantendo-se no partido do engenheiro, o PDT.

Em quase 60 anos de política, Brizola destacou-se pela coragem e pela insistência em temas programáticos, sempre recordando a tradição getulista. Sua determinação e cora-

gem, em um país marcado por uma elite política conciliadora, foi exemplar. A defesa intransigente do ideário varguista diferenciou-o dos políticos brasileiros, sempre à procura da última novidade no exterior.

Daí a estranheza e a inadaptação a um ambiente contemporâneo marcado pela falta de iniciativa política, pelo descrédito no futuro do país e pelo atrelamento a políticas nocivas ao interesse nacional – pois, ao contrário do que imaginam os sábios de plantão, o século 21, tal qual o precedente, é marcado pelo crescente nacionalismo, inclusive das grandes potências e dos grandes blocos econômicos. Assim, a vaia recebida pelo presidente Lula no velório não foi uma manifestação de descontentamento dos presentes, mas a resposta sincera a uma deslealdade programática e eleitoral (lembremos de que, em duas eleições presidenciais, Brizola apoiou Lula no segundo turno, e em outra foi seu companheiro de chapa).

No final da vida, Brizola estava sozinho. Não conseguiu realizar o sonho de retomar a sigla PTB nem chegou à presidência da República. Seu partido quase que desapareceu. Suas idéias eram motivo de chacotas. Seus principais liderados o haviam abandonado. Restava um ou outro político de expressão. Terminou cercado de aventureiros, oportunistas, que o ouviam com enfado, sedentos para controlar o partido no jogo pequeno

dos interesses eleitorais. O velho caudilho estava só. E derrotado.

Numa carta a Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas escreveu: “Vivemos numa pobreza franciscana em maté-

ria de idéias políticas”. Com a morte de Leonel de Moura Brizola, um raro político de idéias próprias, aumentou a pobreza do debate político brasileiro.

Marco Antonio Villa, 48, historiador, é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos e autor de “Jango, um Perfil (1945-1964)” (editora Globo).

Folha de São Paulo – 24.06.04

Moacyr Scliar

Especial para A Folha

O Rio Grande do Sul sempre foi considerado uma terra de caudilhos, o que não é de admirar quando se considera a origem do Estado, conquistado a ferro e fogo aos espanhóis. As terras foram então divididas entre os líderes vitoriosos, o que deu origem ao latifúndio gaúcho. O estancieiro era uma figura destemida, mas também politizada (o positivismo foi uma grande influência na região), e ao mesmo tempo paternal, simples e até melancólica, bem diferente do clássico caudilho latino-americano, exuberante, extravagante. Os aposentos de Getúlio Vargas no Palácio do Catete eram de uma simplicidade monástica e foram o cenário para aquela grande tragédia brasileira: seu suicídio, em 24 de agosto de 1954.

É possível dizer que Leonel Brizola (1922-2004) foi um caudilho, o último caudilho gaúcho, talvez? Certamente esta expressão será usada em relação a ele, mas não corresponde à realidade. Para começar, Brizola era

de origem humilde; filho de pequenos agricultores, trabalhou como jornaleiro, engraxate, carregador. Com muito sacrifício formou-se em engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas de imediato optou pela política, ingressando no PTB de Getúlio Vargas que alavancou sua carreira. Foi eleito deputado estadual, depois prefeito de Porto Alegre e, em 1958, governador do Estado. Mostrou-se um grande empreendedor, criando mais de 6 mil escolas públicas, uma rede que ainda hoje faz do Rio Grande do Sul um dos Estados de maior nível de alfabetização.

Mas o grande momento de Brizola ainda estava por vir. Em agosto de 1961 Jânio Quadros subitamente renunciou à Presidência. Deveria assumir o vice, João Goulart, que não havia sido eleito na chapa de Jânio; naquela época o que contava era o número de votos. Jango encontrava-se na China, mas a sua posse não se-

ria aceita pacificamente; lideranças militares viam com suspeição suas ligações com o sindicalismo e com a esquerda. Um golpe começou a ser articulado e parecia inevitável, quando, no Rio Grande do Sul, surgiu a resistência encabeçada por Brizola. Esse movimento, conhecido como legalidade, marcou época na história gaúcha, e disso posso dar testemunho pessoal pois, estudante universitário, participei, como meus colegas, em todos os momentos dessa jornada. A mobilização popular foi, em grande parte, espontânea, ainda que amadorista; do Palácio Piratini, sede do governo, Brizola tentava organizar o movimento. Todos os dias uma grande multidão se reunia na Praça da Matriz, em frente ao Palácio. E todos os dias Brizola assomava a uma janela do prédio para falar com as pessoas. Impressionava sobretudo sua tranqüilidade. Claramente, sabia que estava enfrentando uma situação de grande risco, em que desfechos trágicos eram possíveis, coisa que ele procurava evitar. “Armas para o povo, governador!” era o brado que mais se ouvia, mas ele não deixava se contagiar por esse fervor guerrilheiro. A Brigada Militar, força pública do Estado, não podia enfrentar as tropas federais, se tal conflito ocorresse. Houve um momento de grande tensão, quando se anunciou que os tanques do quartel da Serraria, bairro da zona sul, vinham em direção ao centro para bombardear o

Palácio. Em meio ao nervosismo, começamos a montar barricadas, usando os bancos da praça e ali ficamos, em tensa expectativa. Os tanques, porém, não apareceram. Mais que isso, o general Machado Lopes, comandante do poderoso 3º Exército, aderiu ao movimento, o que mudou por completo a situação: agora, a ameaça era de uma guerra civil. Entrou em cena a turma do deixadisso. Políticos liderados por Tancredo Neves, ex-ministro da Justiça de Getúlio Vargas, negociaram uma solução: João Goulart assumiria, mas com um regime parlamentarista, capaz de limitar drasticamente o poder do presidente.

Durante todo esse tempo, Brizola continuava dirigindo-se à população, agora usando uma grande cadeia de rádios, a cadeia da legalidade. Seu típico e pitoresco linguajar tornou-se conhecido em todo o país. Lembrome de uma vez em que ele explicava o imperialismo. Usou para isso a metáfora de um tanque de água cujos donos enchiam com muito trabalho e cujo conteúdo era implacavelmente sugado por “bombas, bombinhas e bombículas”. Falava várias horas cada noite, mas isso não diminuía sua audiência. Como disse um casal de idosos gaúchos que então o visitou no Palácio: “É uma maravilha, governador. O senhor fala, fala, a gente adormece, depois a gente acorda e o senhor continua falando... Maravilha”.

A posse de João Goulart não acalmou o país, pelo contrário. O movimento da legalidade transformou-se no movimento pelas reformas de base, das quais a principal seria a reforma agrária. Um plebiscito fez retornar o regime presidencialista e devolveu o poder a João Goulart, que agora parecia disposto a atender as reivindicações formuladas principalmente pela esquerda. O golpe abortado em 1961 consumou-se em 1964. Disfarçado de soldado da Brigada Militar, Brizola saiu do

país e só retomou 15 anos depois. A partir de então vitórias e derrotas se alternaram em sua carreira política. Perdeu a legenda do PTB para um grupo liderado por Ivete Vargas, mas fundou o PDT; perdeu as eleições para a Presidência, mas foi eleito governador do Rio. Ou seja: continuou brigando, até o fim. Como é típico dos caudilhos, mas é típico sobretudo dos líderes. Brizola foi, indiscutivelmente, um líder. E, para os que o conheceram, um ser humano inesquecível.

Moacyr Scliar é escritor e colunista da Folha. É médico especializado em saúde pública e autor de "A Paixão Transformada - História da Medicina na Literatura" e "Os Leopardos de Kafka", entre outros.

Valor – 23/06/04

Análise

Fernando Luiz Abrucio

A morte de Leonel Brizola representa, sob vários aspectos, o fim de um ciclo político. Toda vez que se encerra uma época, os homens acreditam estar mais livres para construir o futuro. Desse modo, passados praticamente 20 anos de redemocratização, o Brasil estaria agora mais maduro para se adequar a um novo tempo, no campo da idéias e das práticas políticas.

Brizola era um dos últimos grandes políticos do pré-64 que ainda participava do jogo político atual. Sobraram poucos, como Miguel Arraes, mas nenhum deles contém todas as características daquela época tanto

quanto o engenheiro Leonel. Ele foi primeiro um político de expressão regional e, muito rapidamente, ganhou envergadura nacional. Era um tempo marcado por lideranças personalistas. Vargas, Lacerda, JK, Goulart, Jânio faziam parte desse grupo e se constituíram nos primeiros líderes nacionais-populares. Foi, ademais, uma geração que, para o bem ou para o mal, guiou-se por projetos nacionais. Aquela geração era marcada por um grande paradoxo: foi a primeira a se desenvolver no bojo de um processo político competitivo e de massas, mas tinha uma visão que não era completamente de-

mocrática. Quase sem exceção, todos os principais líderes flertaram com o golpe. Capaz de salvar a democracia brasileira pela corajosa montagem da cadeia da legalidade, um dos atos mais gloriosos de um político em nossa história, Brizola não ficou imune ao vírus antidemocrático. É famosa sua frase: “Façamos as reformas na lei ou na marra”. A democracia era um *second best* para a maioria de nossa elite, e pagamos 20 anos por este erro, com um regime autoritário que conseguiu alijar uma ou duas gerações do exercício efetivo da cidadania.

O estilo político de Brizola é outro elemento que se originou no pré 64. Alguns resumem esta forma de fazer política por populismo: grande oratória, discurso voltado essencialmente à “gente humilde” e a visão do Estado como motor do desenvolvimento, quando não o próprio articulador da sociedade. Brizola guiou-se por esta linha de ação, inclusive no momento de volta ao país. Era o ano de 1982, primeira eleição a governador desde 1965, e ele estava em quarto lugar. Considerado ultrapassado por alguns, foi este “discurso populista” que conquistou os morros cariocas e da Baixada Fluminense. Vitorioso, Brizola parecia trilhar um caminho para se tornar novamente um líder nacional.

E de fato o foi nos anos seguintes, com importantes participações nas Diretas-Já e nas primeiras eleições presidenciais do Brasil recém demo-

cratizado. Mas as condições que geraram o populismo já não eram as mesmas. Parte da sociedade, incluindo aí certas camadas populares, tinha conseguido criar um padrão de organização mais independente do Estado e com demandas de participação coletiva que procuravam ter vida própria em relação aos líderes de massa. Junto com esta nova estrutura social surgiram grupos sociais e partidos que buscaram renovar a prática política. O (P) MDB deu o primeiro impulso, mas o grande beneficiado foi o PT. Este partido soube chegar às camadas populares, além de setores da classe média, e canalizar para si um conjunto enorme de demandas. Não por acaso, a relação entre Brizola e os petistas foi de amor e ódio, pois competiam pelo mesmo público. Ao final, mesmo tendo apoiado o presidente Lula no segundo turno em 2002, o engenheiro Leonel perdeu de vez o papel de condutor da hegemonia popular.

Fechou-se aqui também um ciclo político com a mudança no ideário do PT em relação ao que dizia na oposição. Brizola criticou esta postura, na visão de alguns motivado por idéias ultrapassadas, ao passo que para outros ele foi o primeiro a apontar a “traição petista”. Embora só o tempo possa comprovar quem está certo, o fato é que o ex-governador do Rio sempre foi mais pragmático no governo do que seu discurso deixava antever, e se ele virasse presi-

dente talvez procurasse igualmente virar a página da história.

É do ponto de vista biográfico que está o lado mais trágico do fim deste ciclo político. Brizola teve a grande obsessão de se tornar presidente. O golpe militar adiou por décadas este sonho e sua grande chance foi em 1989, quando esteve a um triz da vitória. A principal razão para a derrota foi o péssimo desempenho em São Paulo, lugar onde o velho trabalhismo sempre fora frágil. Interessante notar que, a partir de meados da década de 1990, o ideário paulista começou a dar o tom do debate e da própria ação dos dois últimos presidentes. Para esta realidade, Brizola não estava politicamente preparado. Nestes últimos 20 anos o Brasil mudou muito em termos de prática política, normalmente para melhor.

Mas há dois legados de Brizola que representam perguntas mal resolvidas. A primeira se refere à incorporação da parcela desorganizada da população. A política atual não está conseguindo organizar ou melhorar a vida de amplas parcelas da população como se propunha o populismo. Por fim, a idéia de nação que sempre lhe norteou. Pode-se dizer que ela era eivada de um nacionalismo que não dá mais conta dos problemas contemporâneos. Porém, a ausência de um projeto nacional tornou a política brasileira presa fácil dos internacionalistas ingênuos (e dos oportunistas) e dos caciques regionais. Afinal, que país queremos construir para nossos filhos? É preciso a coragem da geração de Brizola para enfrentar este desafio.

Fernando Luiz Abrucio é cientista político e professor da PUC-SP e da FGV(SP)

Jornal do Brasil – 24/06/04

Brizola e o futuro do Brasil

Roberto Mangabeira Unger

Perdoem-me os leitores dar a este artigo cunho pessoal. Quando era criança, ouvi muitas vezes de meu avô Otávio Mangabeira uma história a respeito de Rui Barbosa. Otávio e seu irmão mais velho, João, que viria a fundar o Partido Socialista Brasileiro, eram discípulos diletos de Rui, a quem tratavam como encarnação da República. Contou-me meu

avô que certo dia, pouco antes da morte de Rui, entrando na biblioteca dele no Rio, encontrou-o desolado com o Brasil e com os frutos, aparentemente escassos, de sua vida de luta. “Minha tristeza é mortal” – disse ele a meu avô. Quando, ainda em minha infância e adolescência, comecei, por mãos de meu avô, a conviver com os velhos chefes libe-

rais, encontrei um grupo de homens que parecia haver resolvido um dos maiores enigmas da, existência humana. Como participar intensamente dos combates de seu tempo sem perder a nobreza? Arrebatamento despojado, magnanimidade incapaz de ser corrompida pela vitória ou abatida pela derrota e força interior inquebrantável diante das pressões e desilusões do mundo.

Adulto, conheci aquele que viria a considerar o maior dos brasileiros vivos. Era em quase tudo diferente de Rui e dos apóstolos republicanos que nele se inspiraram. Diferente, na origem social, nascido de pobres lavradores, não da alta burguesia profissional. Diferente na cultura, feita de intuições e manifesta em histórias exemplares, não em doutrinas eruditas. Diferente na orientação programática e social, voltada para a afirmação da independência e da originalidade e para o destino dos trabalhadores, não para o esforço de compatibilizar o Brasil com o formulário liberal. Igual a Rui, porém, no culto ao republicano e no ardor da identificação com o país. E, no final da vida, como Rui, enojado e indignado com o que via à sua volta e querendo mais – força, vida, tempo – para lutar.

Formada nas teorias sociais dos últimos dois séculos, nossa intelectualidade tem dificuldade em compreender haver algo mais importante do que classes e ideologias: a natureza mo-

ral do indivíduo. O indivíduo que, ao tornar-se adulto, recebe da sociedade um roteiro ditando-lhe como pensar, atuar e sentir, mas que, surpreendentemente, para viver e fazer viver, joga esse roteiro fora e escreve outro. Esse é o momento da grandeza. A diretriz da atuação política de Brizola foi a idéia de refundar o Brasil, formado no cadinho da escravidão, da exclusão e da ilegalidade, na valorização dos interesses do trabalhador e no fortalecimento das suas capacitações. Para isso, era necessário afirmar a independência nacional, rejeitando tutelas, sobretudo mentais. Aumentar a participação do salário na renda. Associar o Estado com a iniciativa privada para democratizar oportunidades e instrumentalizar energias. Desenvolver um ensino público que, livre de mistificações, redimisse a criança, das indignidades e inibições de seu meio. Impedir o esvaziamento do regime republicano e preservar o espaço constitucional para a reviravolta econômica e o social. Convencer o brasileiro, principalmente o pobre e negro, de que ele é grande e o Brasil lhe pertence. Se faltou algo ao desdobramento desses compromissos, foi a imaginação institucional e a prática organizadora, que faltam a quase tudo e todos em nosso país.

Para qualquer homem, por maior que seja, os compromissos que o guiam passam pelo prisma de uma trajetória moldada pelas forças de sua

época e pelos acidentes de sua vida. Para Brizola, foi a época e o sistema Vargas e, sobretudo, o antigo PTB como sua vertente partidária mais progressista e fecunda. Identificou-se com essa tradição e suas raízes jacobinas e republicanas no Rio Grande do Sul. Criticou-a, porém, e ajudou a reconstruir como só podem fazer os que se identificam com uma obra histórica. Pouco a pouco, o PTB surgido da Era Vargas purgava-se de suas mazelas quando caiu no abismo da ditadura. Resgatar e reinventar esse trabalhismo é a obra que ocupou Brizola na última fase de sua vida e que deixou inacabada.

Tragicamente para o Brasil, os intelectuais mais influentes entre nós interpretaram essa ação pública sob o rótulo de categorias obtusas, vagas e enganosas como “populismo”. Como se num país com maiorias desorganizadas e organizações frágeis pudéssemos contentar-nos em representar apenas os interesses organizados e por isso relativamente privilegiados. O resíduo prático desse embuste ideológico foi a promoção, a partir das últimas fases da ditadura, de uma esquerda que parecia “moderna” porque era também “corporativista”, fundada sobre as organizações sindicais e religiosas e, portanto, parecida com a esquerda supostamente respeitável e responsável que marcara a história européia. O resultado desse equívoco – monstruoso e previsível – está hoje diante

de nossos olhos no governo Lula. A representação da minoria organizada dentro da massa popular e de classe média foi apenas a escada para chegar ao poder, jogada para o lado depois de usada. Os que subiram perderam-se, sem a luz que pudesse vir do passado, da tradição dos conflitos sociais e políticos do último século, ou do futuro, da visão de outro rumo, definido pela aliança do regime republicano com os interesses do trabalho e os valores da independência. Agora é preciso recomeçar, retomando o fio partido da história.

Nos últimos meses, minhas conversas incessantes com Brizola eram dominadas por um único tema: Como livrar o país de ter de escolher em 2006 entre duas coalizões políticas – uma organizada em torno do PT e do presidente atual e a outra, em volta do PSDB e do presidente anterior – que representam o mesmo projeto ruinoso. Projeto que o povo brasileiro tentou e não conseguiu substituir em 2002. As discussões tiveram desfecho num plano audacioso – inteiramente fora dos cálculos – de intervenção na sucessão presidencial, a ser debatido e revisto, e sujeito aos contratemplos de qualquer ação empreendida contra a corrente. Brizola pediu-me que memorializasse por escrito essa proposta. Assim fiz em longa carta, entregue quando ele já não a podia ler, em 21 de junho, dia de sua morte. Agora estamos todos nós, os inconforma-

dos, sós. Falo por muitos quando digo – dizendo o que sinto, não o que devo dizer – que nunca me senti tão obrigado a atuar e tão faltoso de

meios de ação. E juro perante meus concidadãos: *Inveniemus viam aut faciemus*. Encontraremos um caminho ou faremos um.

Roberto Mangabeira Unger é professor de Direito da Universidade de Harvard

Jornal do Brasil – 26/06/04

Um político sem medo

A solução democrática

Carlos Chagas, jornalista, especial para o JB

Mais do que estar na História do Brasil, Leonel Brizola é a História do Brasil. Não foi. Será. Continua e continuará. Quando as forças da reação se insurgiram, numa hora em que tudo parecia perdido, foi ele que levantou a bandeira da legalidade, resgatando a honra e a dignidade do Brasil.

Postou-se contra o golpe e sustentou a Constituição, quando a maioria das forças políticas buscava acomodar-se. A 26 de agosto de 1961, apoiado apenas na Brigada Gaúcha, fechou o Rio Grande e instalou a Rede da Legalidade, negando-se a aceitar a determinação dos ministros militares contra a posse do vice-presidente João Goulart, após a renúncia do presidente Jânio Quadros. Porto Alegre ficou plena dos “provisórios”, peões vindos a cavalo, do interior, para lutar pelo impossível.

O Palácio Piratini, cercado de sacos de areia, era o último bastião da democracia ferida de morte. Foi quando os sargentos da base aérea de Canoas negaram-se a permitir que

levantassem vôo os caças com ordens para bombardear a sede do governo gaúcho. Logo depois, um jipe saiu da sede do comando do 3º Exército, até então o grande mudo, lá no fim da Rua da Praia. Sob vaias estrondosas, o veículo subiu até a sede do governo local. Um motorista e um velhinho ao lado, farda de campanha, capacete e cantil. Era o general Machado Lopes, que a multidão imaginou prender o governador e acabar com a aventura inútil. Ouvia-se voar as moscas. De repente, abrem-se as portas da sacada do segundo andar e surge Leonel Brizola, blusão de couro em vez do terno e gravata, metralhadora INA a tiracolo. Num gesto amplo, ele convida o general a postar-se ao seu lado. Abraçam-se e fazem o “v” da vitória. Era a adesão do 3º Exército à causa da legalidade.

Aquela imagem jamais se apagará da História, mais do que da lembrança de quantos a assistíamos, imóveis, nos jardins lá em baixo. Reencontra-

va-se o Brasil consigo mesmo, graças à resistência de um homem determinado a não permitir que o medo vencesse a esperança.

Depois, as coisas seguiram seu curso. A vitória do golpe, quatro anos mais tarde. O exílio de quem não se entregou, mesmo entregue ao sacrifício. O retorno e a luta pela recuperação nacional. A eleição nas urnas fluminenses. A perda da presidência da República por conta do radicalis-

mo daqueles que não estavam preparados para vencer com ele. Até ontem, a coerência de quem não se curvou ao modelo que até hoje nos assola.

Leonel Brizola não partiu, ontem. Ficou. Permanecerá para sempre.

Cada vez que se imagine estar tudo perdido, que não há saída, sua lembrança bastará para a certeza de que, no fim de tudo, prevalecerá a, solução democrática. Basta não ter medo.